

Miguel Cipolla Jr, pioneiro na TV Cultura e Band

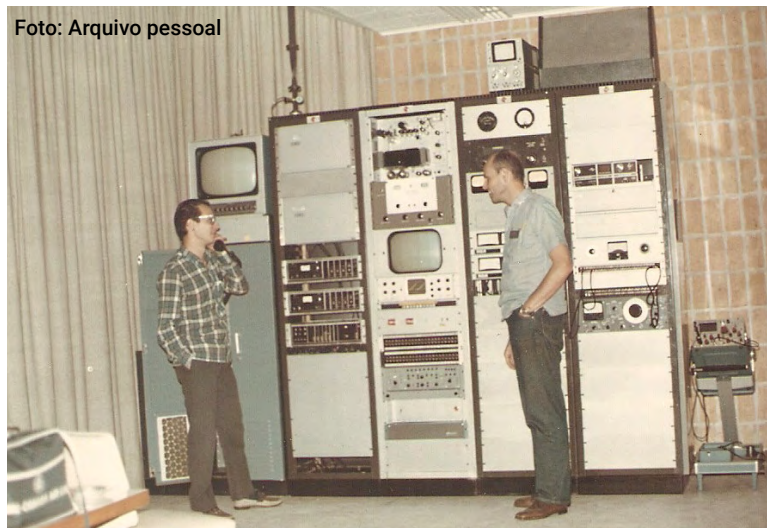
Por Fernando Moura

O primeiro vice-presidente da SET foi uma das figuras de destaque na TV brasileira nos seus mais de 30 anos de carreira. Ajudou a desenvolver o projeto da TV Cultura em São Paulo e durante três décadas dirigiu o departamento de engenharia da Rede Bandeirantes, sendo o precursor da operação da Band via satélite (1982). Ainda, destaque pelo seu aporte na SET e na ABERT.

Miguel Cipolla Junior começou a sua longa carreira na TV brasileira em 1966, depois de se formar no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), em São José dos Campos, interior de São Paulo (1965). A TV brasileira estava crescendo. “Meu primeiro emprego ao sair da faculdade foi na TV Excelsior. Na época, o diretor técnico da emissora era um colega também formado no ITA, o Alberto Maluf. Iniciei em 1966 juntamente com um colega de turma, o Cláudio Donato. Lá trabalhei durante 1 ano, quando então fui para a Ericsson do Brasil, que tinha um grande contrato com a Telefônica para a instalação de novas estações em São Paulo e estavam contratando muitos engenheiros. A decisão de mudar de área se deu quando a TV Excelsior passava por grande crise, e, como havia necessidade de redução de despesas, saí para facilitar a gestão do Alberto Maluf que precisava dessa redução de custos”, explicou Cipolla à reportagem.

O primeiro vice-presidente da SET (1988-1990) comentou que na época a televisão se fazia com bastante esforço da parte de todos, pois, “os equipamentos eram todos a válvula, portanto sujeitos a variações de ajuste, e muito mais sensíveis a temperatura (o bom funcionamento do ar-condicionado era fundamental). Os equipamentos de gravação de vídeo também estavam nas suas primeiras versões, portanto, sempre sujeitos a ajustes constantes para bem funcionar. Para os programas gravados a edição ainda não era eletrônica, fazia-se cortando e emendando fisicamente a fita magnética, com o auxílio de um microscópio que revelava o ponto correto de corte para que na emenda não se perdesse o frame da imagem e tivesse continuidade das cenas. A maior parte dos programas eram ao

Foto: Arquivo pessoal



vivo e só se gravavam as novelas e os shows mais importantes e que deviam ser elaborados”.

Ele disse que como engenheiro, uma das principais dificuldades foi a que nessa altura “não havia muitos equipamentos de reserva e, portanto, a atuação pronta dos técnicos era fundamental para a continuidade dos programas. Era comum às vezes a emissora ficar fora do ar por algum problema técnico mais sério. No princípio da televisão os primeiros engenheiros, a quem devemos reverenciar pela dedicação e empenho para que se pudesse operar com uma tecnologia tão avançada, eram muito poucos, e alguns nomes que me recordo são: Jorge Edo, Carlos de Paiva Lopes, Alberto Maluf, Nédio Cavalcanti, Cláudio Victor Donato, Rene Cesar Xavier dos Santos, coincidentemente esses cinco últimos também formados pelo ITA. O coronel Brito (Wilson da Silveira Brito), Herbert Fiuza, Adilson Pontes Malta, Victor Purri Neto, Ivo Facca, Luis D’Avila, Orestes Polverelli e outros que já trabalhavam nas rádios das empresas que tiveram concessão para televisão e

Eng. Oscar Stamati e Miguel Cipolla Junior (Costas) frente ao transmissor da TV Cultura /Foto: Arquivo pessoal



passaram a cuidar dessa área como o Lutfalla Aurani Latuf, Silvio Vasconcelos, e muitos outros”.

A Associação de Engenheiros do ITA o lembra como um dos desenvolvedores da Centro Paulista de Rádio e TV Educativa, hoje TV Cultura. No final de 1967, “estava trabalhando pela Ericsson, na Central Telefônica do Campo Belo, quando recebi um telefonema de um colega de turma, o Luiz Marques de Azevedo, que trabalhava no Banco Comércio e Indústria, para que comparecesse a uma entrevista com o Dr. José Bonifácio Coutinho Nogueira, que havia sido convidado pelo governador Abreu Sodré para presidir a Fundação Padre Anchieta – Centro Paulista de Rádio e TV Educativa. De pronto me interessei demais com a possibilidade de regressar a trabalhar com radiodifusão, e logo após a conversa com o Dr. Bonifácio, onde ele ofereceu a oportunidade para trabalhar na área de engenharia do complexo que seria montado para a TV e Rádio Cultura, fiz minha saída na Ericsson até o final de 1967, e comecei, no início de 1968, a atuar no planejamento da nova TV Cultura, em conjunto com o Dr. Carlos Sarmiento (engenheiro amigo do Dr. Bonifácio e que trabalhava na Villares) que havia sido designado para conduzir o processo de compra de todos os equipamentos novos destinados à TV, e alguns para o Rádio”.

O engenheiro disse à reportagem que nessa fase inicial exercia o cargo de engenheiro vinculado à diretoria administrativa, chefiada pelo Brig. Sérgio Sobral de Oliveira. As outras diretorias eram a Artística - Carlos Vergueiro, a Cultural – Cláudio Petraglia e de Educação- Prof. Antônio Augusto Soares Amora.

União de forças

A equipe foi criada sob as orientações do primeiro presidente executivo da Fundação Padre Anchieta, José Bonifácio Coutinho Nogueira, que buscava profissionais e colaboradores afinados com o projeto da nova TV Cultura, como o apoiador Alberto Soares de Almeida, diretor do Teatro Cultura Artística.

Da primeira diretoria participaram Cláudio Petraglia, assessor cultural e ex-funcionário da TV Paulista; Carlos Vergueiro, assessor artístico e ex-funcionário da Rádio Eldorado; brigadeiro Sobral de Oliveira, assessor administrativo; Carlos Sarmiento, assessor de planejamento; professor Antônio Soares Amora, assessor de ensino; Miguel Cipolla, assessor técnico e ex-funcionário da TV Excelsior; e Fernando Vieira de Mello, assessor de produção e também diretor da Rádio Jovem Pan.



José Bonifácio Coutinho Nogueira, primeiro presidente da Fundação Padre Anchieta.



Cláudio Petraglia



No “Almanaque TV Cultura, 50 anos. Muitas histórias, informações e curiosidades”, do Prof. Elmo Francfort (se afirma que a “União de forças” fez possível a criação da TV Cultura. “Da primeira diretoria participaram (...) Miguel Cipolla, assessor técnico e ex-funcionário da TV Excelsior” / Foto: Reprodução

qual, o trabalho foi “muito rico e estimulante, pois estávamos tendo a oportunidade de idealizar e construir uma televisão dentro do que de mais avançado a tecnologia oferecia. Nos dedicamos a orientar os potenciais fornecedores dos sistemas que atenderiam nossas premissas para que as propostas apresentadas estivessem completas, pois queríamos que a empresa fornecedora se responsabilizasse pelo funcionamento do que fora proposto. Várias empresas se apresentaram para essa consulta, entre elas RCA, Marconi, EMI, Philips, e depois de várias análises e discussões optou-se pela RCA (*Radio Corporation of America*), como fornecedora de todo o material, e solicitamos que as câmeras fossem aquelas ofertadas pela Marconi, pois ofereciam melhor tecnologia operando com lente única com zoom, ao invés da torre de lentes que se usava na época. Nesse sistema também foi adquirido um equipamento que fazia a transferência de vídeo para película de 16mm, que serviria para poder distribuir os programas educativos para locais onde pudessem ser exibidos com um simples projetor de filme 16mm. Esse equipamento era o TFR-1 (*Television Film Recording*).



Câmeras Marconi Mark-V, TV Cultura, 1969 / Foto: Reprodução - 50 anos TV Cultura

Após a compra, conta Cipolla, foi necessário detalhar todo o projeto de instalação, orientar a edificação das áreas técnicas e estúdios, proceder a instalação dos equipamentos, treinar as equipes técnicas e de operação. “Foi então que se juntou a nós o engenheiro Rene Cesar Xavier dos Santos, que havia participado da implantação do complexo da TV Globo no Jardim Botânico no Rio de Janeiro, tendo, portanto, passado por todas essas fases que teríamos que enfrentar, isso foi extremamente importante para que pudéssemos avançar com maior velocidade em tudo que precisava ser providenciado para que a nova emissora pudesse operar no menor

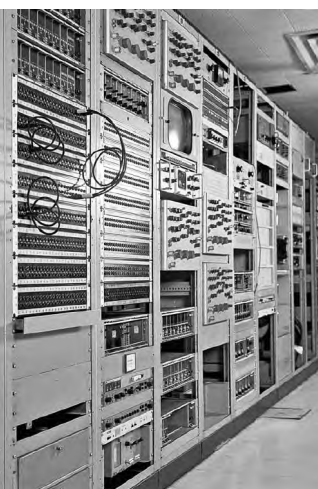
Cipolla lembra com carinho dessa época, na

espaço de tempo possível. Destaco nessa época a participação ativa e dedicada do engenheiro Oscar Stamati, que trabalhava na RCA e que foi designado para acompanhar toda a implantação e operação dos equipamentos”.

“O projeto e instalação de televisão da TV Cultura (1969), era o que de mais moderno havia em operação no Brasil, tanto que serviu de modelo para que outras empresas nos visitassem e se inspirassem nas soluções técnicas e operacionais adotadas” - Miguel Cipolla Junior

uma vez que havia poucos e muitos deles sem o conhecimento atualizado para a tecnologia que se estava implantando. Tomamos isso também como uma missão para a Fundação – preparar novos profissionais para televisão. Assim foi que fizemos um acordo com o ETE (Escola Técnica de Eletrônica) de Santa Rita do Sapucaí (MG), tida como de excelência na época, e todo ano selecionávamos os melhores alunos para que pudessem vir e serem treinados durante um período de estágio, após o qual os melhores eram contratados para trabalharem na Fundação. Dessa forma muitos profissionais que seguiram nessa área iniciaram sua caminhada na TV Cultura”.

Ainda, conta, no início do processo, houve que



treinar os técnicos que iriam ter que dar a manutenção aos novos equipamentos. Nesse início vieram vários colegas, mas “havia carência de pessoal técnico especializado no setor, assim, estabelecemos como princípio aproveitar o pessoal que permaneceu na transferência da Cultura das Associadas para a Fundação, e com a ajuda dos recém chegados, preparar novos profissionais para trabalharem em radiodifusão,



Eng. René César Xavier dos Santos e Miguel Cipolla Junior (braços abertos) ao lado do buraco de fundação da torre da TV Cultura no Pico do Jaraguá, em São Paulo / Foto: Arquivo Pessoal

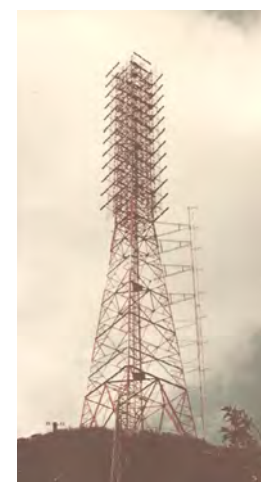
Central Técnica TV Cultura nos anos 1970
Foto: Reprodução Almanaque 50 anos da TV Cultura

TV Cultura foi a pioneira em Broadcast FM Estéreo

Em 1969, foi criada a diretoria Técnica (Engenharia) da TV Cultura e Cipolla foi nomeado diretor. “Antes de se completar 2 anos da criação da Fundação Padre Anchieta (26/09/1967), estávamos iniciando as transmissões regulares da TV Cultura em 16/06/1969 (coincidentemente data de aniversário de Cipolla Jr). **Foi a primeira emissora a transmitir broadcast FM estéreo no Brasil**, uma vez que as frequências de FM, na época eram utilizadas para os enlaces entre estúdio e transmissor das emissoras em AM”.

Foi uma das melhores e mais gratificantes fases profissionais de minha vida, pois me deu a confiança para poder seguir na área de radiodifusão onde pude realizar muitas contribuições relevantes”.

Miguel Cipolla Jr. em cima do berço que servia de suporte para a linha rígida coaxial que saía do transmissor para alimentar a antena de 24 painéis instalada na torre da TV Cultura/ Fotos: Arquivo pessoal



O então diretor Técnico da TV Cultura disse que o trabalho de 1968 até 1973 foi muito gratificante. “Estávamos todos trabalhando por um ideal de se construir o veículo que pudesse disseminar a educação e cultura da forma mais ampla e democrática, e todos nós da diretoria imbuídos desse mesmo ideal não medíamos esforços para alcançar esse objetivo, trabalhando com afinco e extremamente empenhados no objetivo comum.

TV Bandeirantes

Miguel Cipolla Junior mudou-se à TV Bandeirantes, em 1973, onde assumiu a direção técnica, com o desafio de reconstruir seu centro de produção que havia sido destruído por um grande incêndio três anos antes. Na emissora permaneceu por 29 anos, onde desenvolveu grandes projetos. Iniciou o trabalho com a implantação do Centro de Produção a cores na sede da empresa no bairro do Morumbi, no processo de reconstrução e reequipamento da emissora, e também planejar

e implantar todas as emissoras próprias do grupo que vieram a constituir a Rede Bandeirantes de Televisão (TV Difusora de Porto Alegre – Band RGS, TV Vila Rica em BH – Band Minas, TV Guanabara no RJ – Band Rio, TV Bandeirantes da Bahia – Band Bahia, TV Bandeirantes de Presidente Prudente, TV Bandeirantes da Brasília – Band DF, TV Bandeirantes de Campinas, TV Bandeirantes do Paraná – Band Curitiba, TV Bandeirantes de Taubaté).

Pioneiro em distribuição via satélite em tempo real

O engenheiro conduziu a implantação da primeira operação de distribuição de TV em tempo real via satélite para todo o território nacional. O início de operação na Band deu-se no dia 29 de setembro de 1982, "tornando-se a primeira rede de televisão da América do Sul a operar 24h/dia via satélite, levando sua programação em tempo real para todo o Brasil. Buscamos essa solução porque nessa época não havia condições de fazer transmissões de programas ao vivo e de forma simultânea, a não ser contratando os canais de distribuição da Embratel que serviam às principalmente capitais, mas que eram insuficientes para atender a todas as emissoras. Assim nos horários nobres (dos jornais), só a Globo e a TV

Tupi tinham a condição desse tráfego por já terem contratado os melhores horários antecipadamente", comentou animado Cipolla.

"Fiz parte do grupo que se dedicou ao estudo da implantação da TV digital no Brasil desde seu início, em 1994, até parar com a atividade profissional em radiodifusão em 2004. Ainda, fiz parte do primeiro Conselho de Comunicação Social do Congresso Nacional, juntamente com o Fernando Bittencourt (2002/2004)".

SNC decide rever Pal-M

■ Márcia Sanches

A Secretaria Nacional de Comunicações (SNC) publicou no último dia 19 de julho a portaria 54 que criou a Comissão Assessora de Assuntos de Televisão (COM-TV). A Comissão está sendo presidida pelo coordenador geral de Serviços de Radiodifusão e Correlatos do Departamento Nacional de Serviços Privados desta Secretaria, o engenheiro Sávio Pinheiro.

A COM-TV estudará a possibilidade de mudanças do atual sistema de TV adotado no Brasil (Pal-M - Phase Alternated Line) e o posicionamento técnico e político para os avanços tecnológicos da televisão (TV digital e de alta definição - HDTV). Caberá ainda à Comissão, propor um modelo para retransmissão e repetição de TV, tendo em vista o número de geradoras e a introdução de novos serviços correlatos à radiodifusão brasileira.

No último dia 18 de agosto, ocorreu a primeira reunião da COM-TV. Estiveram reunidos na sede da Secretaria, em Brasília, os representantes das empresas de radiodifusão, das indústrias fabricantes de aparelhos de TV e de equipamentos *broadcasting*, das entidades de classe, como Abert, Abird, Abinee, entre outros.

Nesta reunião, presidida por Sávio Pinheiro, foram formados dois grupos de trabalho e um cronograma de ação e atividades. O primeiro grupo deverá tratar dos sistemas de TV e do

posicionamento para as futuras tecnologias. O segundo estudará as mudanças nos modelos de repetição e retransmissão, e da gestão dos espectros para os serviços de radiodifusão.

O ponto mais importante desta reunião, segundo Sávio Pinheiro, foi a conclusão dos grupos de que o Brasil não deve mudar seu sistema rapidamente. "Devemos seguir atentamente a evolução da televisão internacional para fazer uma transição de maneira ordenada para mudar no momento certo". Sávio

Pinheiro afirmou também que há previsão de se disponibilizar no Brasil nos próximos anos a TV digital. Esta tecnologia vai exigir um novo sistema de TV. "Por isso estamos estudando e analisando a possibilidade de fazermos uma única mudança de sistema", esclareceu.

Outra conclusão fundamental da COM-TV para atender às necessidades da televisão brasileira é a escolha de um sistema universal. "Não devemos adotar um sistema único para o Brasil nesta fase da tecnologia", informou o presidente da Comissão, satisfeito com o resultado desta primeira reunião.

Segundo Sávio Pinheiro, a maioria dos representantes demonstrou preocupação com a situação dos usuários brasileiros. "Não serão desprezados os equipamentos e aparelhos de TV no sistema Pal-M", comentou. Sem definir um prazo certo para o fim dos estudos, Sávio Pinheiro

afirmou que as mudanças radicais só se justificam se houver um amplo ganho para o usuário.

A História do Pal-M

Para entender a postura da maioria dos representantes da COM-TV, é preciso conhecer a posada da história do sistema Pal. Em 1955, o Conselho Nacional de Telecomunicações (Contel) encomendou à Universidade de São Paulo (USP) uma análise dos sistemas de TV para adoção daquele que fosse o mais conveniente para a televisão em cores no Brasil.

Até 1972 se discutiu as vantagens de transmissão do Pal em relação ao sistema norte-americano NTSC (National Television System Committee) e ao sistema francês Secam (Séquentiel en Couleurs à Mémoire). As tentativas para que os sistemas NTSC ou Secam fossem adotados não foram poucas. A França chegou a oferecer cursos grátis para a formação de técnicos brasileiros.

Mas o Secam foi logo descartado pelos técnicos brasileiros por ser mais complicado que os outros sistemas, e por propagar-se mal em regiões de topografia acidentada ou com aglomerações de edifícios.

Curiosamente, o NTSC tinha um apelido, dado pelos próprios técnicos norte-americanos: "Never Twice the Same Colour" (Nunca duas vezes a mesma cor). Isto significava, segundo a maioria dos especialistas, que neste sistema havia pouca estabilidade de cor. O telespectador não dispunha de referência, às vezes, precisava usar

No "começo" e após muita análise, explicou o primeiro VP da SET, decidiu-se junto da Embratel que a solução seria utilizar parte de transponders do satélite Intelsat IV que eram operados pela Embratel para realizar essa operação. "Na época esse tipo de serviço não era regulamentado e nunca havia sido realizado, e curiosamente não se tinha um parâmetro para se fazer a cobrança, tanto que no início se cobrava por cada ponto de descida! Após o início da operação e com o surgimento de recepção direta do sinal do satélite, por parte de várias retransmissoras e até de usuários finais, isso deixou de acontecer, pois não haveria forma de se controlar. Todo o projeto do sistema de subida e descida de

Na edição N° 8, setembro de 1991, da então Revista da Engenharia, a reportagem referia: "SNC decide rever Pal-M. A questão era que a Secretaria Nacional de Comunicações (SNC) revisava o uso de Pal-M. Na reportagem de Márcia Sanches afirmava que "O Pal-M vem provocando, paralelamente, grandes dificuldades em relação à renovação e modernização de nossos equipamentos", comentou Miguel Cippolla (...) Favoráveis à adoção do NTSC, muitas redes de TV já utilizam em seus estúdios e unidades portáteis equipamentos importados operando no sistema NTSC. Segundo Cipolla a Rede Bandeirantes já montou toda a sua emissora de Curitiba em NTSC. "Somente a transmissão continua seguindo os padrões da Embratel para recepção em Pal-M", informou.

sinal, prospecção dos locais para a instalação da estação de transmissão e as várias receptoras foi contratado junto a Embratel. A estação de subida que foi instalada na sede da Band no Morumbi foi fornecida e operada pela Embratel e todo o serviço de instalação das receptoras ficou a cargo da Band”.

Com a nova demanda, a Embratel deu impulso ao seu programa de lançamento de um satélite próprio, resultando na implantação do Brasilsat A1, que foi lançado no dia 8 fevereiro de 1985, a partir do Centro Espacial de Kourou, na Guiana Francesa. A Embratel, disse em comunicado pelos seus 30

anos (2015), que o dispositivo iniciou “a primeira rede de satélites domésticos de telecomunicações da América Latina. Este lançamento permitiu ao Brasil iniciar a interiorização das telecomunicações em ampla escala no território nacional, diminuindo progressivamente o grau da dependência brasileira no aluguel de capacidade em satélites estrangeiros”. Cipolla, concorda, já que em sua ótica “favoreceu a distribuição de mais emissoras de televisão e vários outros serviços de telecomunicações que dependiam do uso de segmento espacial comprado de empresas estrangeiras”.

Mudanças e transformações

O percurso de Cipolla na Band foi acompanhado de muitas mudanças tecnológicas. Em 1996, disse, “concluimos a construção da torre, situada na Rua Minas Gerais (SP), para a instalação das antenas da TV Band e da Band FM, concluindo o processo de mudança dos transmissores do pico do Jaraguá/SP para a região da Av. Paulista, na capital. Esse complexo é composto por um edifício de 8 andares e seguindo a estrutura do prédio segue a torre com 212m de altura, na época a maior na América Latina. Esse projeto foi concebido para que se pudesse também explorar a torre para outros interessados. Nela se instalou além do transmissor da TV Band – canal 13, o transmissor da Band FM, que se utilizou de uma antena banda larga com capacidade de transmissão de outros canais de FM de forma multiplexada, os transmissores dos canais 50 e 21, e a empresa de telefonia móvel BCP também operava no local”.

Em 2001, de forma inédita no Brasil, comentou animado, “inauguramos a operação do Band News, dedicado a operação de jornalismo 24h/dia. O diferencial nesse projeto era a operação totalmente

digitalizada e *tapeless*, baseada em servidores de vídeo e áudio e edição digital não linear, o que deu ao projeto a agilidade necessária para se processar as notícias e transmiti-las em um menor intervalo de tempo”.



Cipolla Junior atualmente reside no interior de São Paulo. Na foto, Miguel com a sua equipe de trabalho na empresa Fernandez Mera/ Foto: Arquivo pessoal

Trajectoria na SET

Miguel Cipolla Júnior contribuiu com a entidade desde a sua fundação. Foi o primeiro Vice-Presidente (1988-1990). Ele disse à reportagem que participou junto com “Adilson Pontes Malta para termos um fórum que pudesse congrega os profissionais da área de televisão para o aprofundamento de questões tecnológicas para o setor”.

Mais tarde esteve no Conselho Fiscal (1990-1994). Entre 1998-2000 fez parte do conselho de vice-presidências da *broadcasting* da SET. Seu desempenho como vice-diretor da diretoria de

Tecnologia entre 2000-2002. Cipolla Junior lembra que ainda foi Diretor do Grupo de TV Aberta entre 2002/2004, que esteve no conselho fiscal desde 2002 até 2008.

O primeiro VP da SET disse à reportagem que o seu principal objetivo na entidade que ajudou a criar foi a de suplicar a carência no setor tanto de informações como fóruns para debate e discussões dos aspectos da tecnologia de radiodifusão. “Não havia no Brasil nenhum curso que ministrasse conhecimentos e formação para essa indústria do broadcast. Esse era

um assunto recorrente em nossas conversas com os colegas que trabalhavam na área, surgindo daí a ideia de se formar uma Sociedade de Engenharia de Televisão onde essa troca de experiência pudesse ocorrer de forma mais frequente e ajudar na formação de novos profissionais. Fiz parte da SET desde sua fundação até quando deixei de trabalhar no setor”.



Foto: Reprodução/Arquivo pessoal



ABERT

Cipolla faz um balanço muito positivo da sua carreira na radiodifusão brasileira, e destaca que durante o período de trabalho na Band teve que “participar em reuniões, eventos e congressos, onde se reuniam os representantes das várias empresas do setor, no caso, inicialmente das TVs – Globo, Bandeirantes, Tupi que possuía o maior número de emissoras, para o devido assessoramento em assuntos técnicos. Foi assim que surgiu no âmbito da ABERT a criação do Conselho Técnico para assessorar a entidade nos aspectos regulatórios e tecnológicos da radiodifusão. Fiz parte da formação do primeiro conselho técnico, que para assuntos de televisão era integrado pelos engenheiros Cel. Brito da Globo, Victor Purri Neto da TV Tupi e eu pela Band. E para assuntos de rádio, o Comandante Djalma pela Globo, Eugídio Luchesi pela Tupi e Eulógio Ferreira Borba pela Band. Neste conselho permaneci desde sua criação em 1975, até parar minhas atividades em radiodifusão em 2004”.

Nesse contexto, Miguel Cipolla Junior participou, em 1991, de uma reunião que debateu a política do presidente Fernando Collor de Mello que liberou as importações em 1990. Na edição número 8 da então

Revista “Engenharia de Televisão” (Hoje Revista da SET), Marcia Sanches, editora da publicação afirmou que “Collor de Mello iniciou o combate ao “império dos cartórios”, formado nos últimos 50 anos, e resolveu abrir os portos brasileiros à concorrência externa. Foi anunciado um abrangente e ambicioso programa de liberação das importações e a reformulação da política industrial com a finalidade de inserir o país no mercado internacional”, por esse motivo, e por falta de clareza houve uma reunião “Representantes da Abirt (Associação Brasileira da Indústria de Radiodifusão) e Abert sentam à mesa para discutir a nova política industrial e tarifas aduaneiras”. Na matéria “Dialogo Aberto”, se afirma que: “ Para o superintendente de engenharia da TV Bandeirantes, Miguel Cipolla Junior, “a radiodifusão encontrou dificuldade para especificar e descrever minuciosamente os produtos da circular 149, o que deu margem à contestação indústria, mas foi uma questão de interpretação”.

Assim, surgiram controversias entre a indústria e a radiodifusão, o que resultou na iniciativa pioneira de realização de um encontro dos representantes da ABIRT e da ABERT para um entendimento direto. O encontro no auditório da TV Bandeirantes, em São Paulo, no último dia 20 de março de 1991. Segundo os representantes, o encontro teve como objetivos: o entendimento da nova política de desenvolvimento industrial e comércio exterior; o debate para definição da circular 149 (d o dia 13 de dezembro último), condição básica publicação da portaria; e formar uma comissão para que a Coordenadoria Técnica de Tarifas receba as reivindicações de ad-valorem pré-analisadas pela radiodifusão e pela indústria. A comissão foi formada por dois representantes da ABIRT, Fernando Barbosa e Flávio Gomes Shermann, e dois da ABERT, Ivo Facca e Jairo Valadares”.

Foto: Reprodução





Nome: Miguel Cipolla Junior

Data de nascimento: 16/06/1942

Naturalidade: São Paulo/SP

Formação: Engenharia eletrônica no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), em São José dos Campos/SP

Trajetória profissional: Pioneiro na TV, ajudou a desenvolver o projeto da TV Cultura, em São Paulo, e durante três décadas dirigiu o departamento de engenharia da Rede Bandeirantes, sendo o precursor da operação da Band via satélite (1982), transformando a emissora na primeira rede de televisão da América do Sul a operar 24h/dia via satélite, levando sua programação em tempo real para todo o Brasil. Método implementado pelas demais emissoras no país e que permitiu que a Embratel lançara em 1985 o primeiro satélite brasileiro para transmissões broadcast. Ainda, destaque pelo seu aporte na SET e na ABERT.